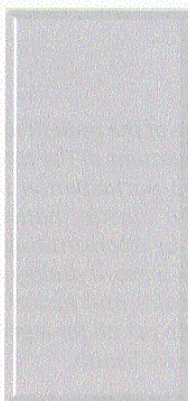


André Mota (Uniso)

*A fonte da juventude brasileira:  
saúde e rejuvenescimento nos  
primórdios do século XX*



O projeto brasileiro de descentralização em saúde, nascido na década de 1950 e retomado, em termos de políticas públicas, nos anos oitenta, com o desenvolvimento de tecnologias, a fim de lograr melhor êxito aos chamados “Serviços Locais de Saúde”, suscitou o debate sobre as formas pelas quais essas experiências são implementadas ou, ao contrário, obstruídas. Isso porque o processo de descentralização vem ocorrendo em termos das responsabilidades que caberiam a cada um dos diversos grupos sociais envolvidos, mas a distribuição das verbas necessárias à sua efetivação ainda não garantiu as prioridades, obstando muitas das ações nos âmbitos local e coletivo<sup>1</sup>.

Soma-se ao fato uma volta à privatização dos serviços médicos, com grupos e associações de saúde que passaram também a considerar quais e como devem ser definidos os serviços na área. Tais elementos acabaram por demarcar sentidos aparentemente desconhecidos para o campo da medicina e mais especificamente da saúde.

É o caso do próprio significado do termo “saúde”, que logo remete à idéia de um corpo e uma vida cheia de cuidados e atitudes expressando fisicamente uma forma de “levar a vida” e, simultaneamente, aos estudos em genética que procuram determinar doenças progressivas, apontando as qualidades biológicas de óvulos e espermatozóides que devem formatar um “homem são”.<sup>2</sup>

Essa “nova utopia”<sup>3</sup> se institui, atualmente, em grande medida, pelo custo social que a saúde passou a representar ao Estado e à sociedade civil nos últimos vinte anos, com o acesso aos serviços médicos não mais assumido como um direito, mas como um objeto de consumo a ser garantido privadamente. Dessa perspectiva, é possível compreender, ao menos em parte, como o contexto macroeconômico condiciona a concepção e as atitudes destinadas à obtenção e manutenção dos serviços em saúde do indivíduo:

No universo simbólico contemporâneo, há um conjunto de representações relativas aos valores dominantes na sociedade como o *individualismo* (compreensão

<sup>1</sup> Acompanhar discussão em Madel T. Luz, Políticas de descentralização e cidadania: novas práticas de saúde no Brasil atual. In: Roseni Pinheiro; Ruben A. Mattos (orgs.). *Os sentidos da integralidade na atenção e no cuidado à saúde*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ/ABRASCO, 2001.

<sup>2</sup> Jean Gayon, Comment le problème de l'eugénisme se pose-t-il aujourd'hui?. In: Marie-Agnès Bernardis (direction de l'ouvrage), *L'home et la santé*. Paris, 1992, pp. 290-295.

<sup>3</sup> Madel T. Luz, *op. cit.* p. 25.

dos sujeitos como unidades pontuais autônomas), a *competição* entre os indivíduos como regra básica de relacionamento, o *consumismo* como afirmação de ser o *corpo* (e seu cuidado) uma unidade central — muitas vezes única — delimitadora do indivíduo em relação aos outros, bem como as *estratégias de valorização do corpo*, com o sentido de obter dinheiro, *status* e poder. As estratégias concernentes a essa valorização são basicamente estéticas e incluem representações e imagens de *juventude*, *beleza* e *força*. Essas estratégias, dominantes na cultura, permeiam as representações e práticas de saúde, subsumindo-as e dirigindo-as no sentido da ratificação e do fortalecimento dos valores centrais da sociedade mencionados.

Com esse raciocínio é a **estética**, mais que a racionalidade médica e seus modelos (normalidade/patologia ou vitalidade/energia), o critério socio-cultural vigente de ajustamento dos indivíduos para determinar se, realmente, são 'saudáveis' ou se precisam exercer alguma 'atividade de saúde', através da implementação de padrões austeros de forma física<sup>4</sup>. Na perspectiva de uma estética corporal, como definição do que é saúde, as práticas indicadas passam a compreender "novas" aferições, ganhando no Brasil uma adesão bem peculiar para sua existência e aprovação.

Para melhor entender essa concepção, acrescentem-se aqui outras possibilidades analíticas, referentes a um passado que também estabeleceu, entre a medicina curativa e intervencionista, um pólo de ação médica pela divisão das características físicas e raciais, privilegiando o corpo e sua estética como fatores diagnósticos da saúde dos cidadãos. Tais posições foram se intensificando de maneira heterogênea pelo país, mas com força sugestiva nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, por partirem daí as posições dominantes de médicos e cientistas.

Nesse contexto, queremos compreender o corpo nessas apreciações científicas amalgamadas em sua historicidade, na formulação dos mitos de origem nacional, bem como dos dilemas dirigidos à formação do povo brasileiro e os argumentos médicos que, a partir das primeiras décadas do século XX, validaram o progresso pela via de corpos plenamente "civilizados", elevando, também por essas práticas, a raça miscigenada às suas características eugênicas.

Cabe atentar para o fato de a eugenia e seus vínculos com a política nacional, no início do republicanismo, serem pouco estudados e, mais do

---

<sup>4</sup> Id., p. 28.

que isso, quase apagados da cena histórica brasileira, por envolverem expressões da intelectualidade então dispostas a defender a limpeza racial do país, com todos os dispositivos ditos liberais e democráticos<sup>5</sup> apregoados para o êxito dessas ações. Nesse sentido, Pietra Stefania Diwan menciona os “simpatizantes” que sempre estiveram em contato com os líderes do movimento eugênico brasileiro, a maioria formada por médicos, mas que “anulam” de suas memórias a participação num projeto que previa erigir uma “raça superior”.<sup>6</sup>

Por isso, apontaremos as especificidades históricas brasileiras que estiveram em torno do homem e de seu corpo, tendo os médicos força corporativa, científica e política capaz de definir quem e como deveriam ser modelados os homens saudáveis, ao mesmo tempo em que se criam estigmas aos grupos pauperizados e marginalizados, que passam a ser considerados desequilibrados e esteticamente inferiores.

### História e rejuvenescimento

Com as necessidades implementadas pela sociedade industrial e burguesa da virada do século XX, o mundo passou a exigir novos comportamentos e a buscar compulsivamente formas de estabelecer um *continuum* com o presente. Das agruras das grandes cidades, das confusões de signos e de perspectivas, emergiram, como força propulsora dos grupos detentores do poder, esferas corporativas que deveriam conter e sanar distúrbios que impediam o movimento gerado pelo capital e seus desdobramentos em áreas do conhecimento, do trabalho e da vida de seus representantes.

<sup>5</sup> Acompanhar a discussão sobre a chamada eugenia negativa, métodos de coerção e esterilização de milhares de pessoas, que teve sua aplicação originalmente nos Estados Unidos, a partir das primeiras décadas do século XX. Cf. Edwin Black, *A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior*. São Paulo: A Girafa, 2003 e Stephen Jay Gould, *Dinossauro no palheiro: reflexões sobre história natural*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

<sup>6</sup> Segundo a autora, “era o caso de perguntar: trataram – os participantes e simpatizantes do eugenismo — de apagar os resquícios de sua participação e limpar de sua memória e da história essa existência? Como exemplo, podem ser citados alguns casos: Roquette-Pinto, Oliveira Vianna, Monteiro Lobato e Arnaldo Vieira de Carvalho, entre outros”. Pietra Stefania Diwan, *O espetáculo do feio: práticas discursivas e redes de poder no eugenismo de Renato Kehl. 1917-1937*. São Paulo, Dissertação (Mestrado em História) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003, p. 55.

A idealização em torno da inovação interagiu com uma sociedade que tentava constituir em si mesma as marcas de um tempo sem fim definido. Buscava-se uma constante e inalterável reatualização de um presente em transformação, rumo ao ciclo vicioso da novidade. A ciência médica, com a força discursiva e prática que granjeara no século XIX, estava presente nas profundas modificações que foram estabelecidas ao homem e seu modo de vida, buscando firmemente as condições médico-científicas necessárias para o êxito de suas ações, construindo o pensamento científico como um valor a ser difundido e exercitado em todo o planeta. Nas palavras de Starobinski, “a ciência é um valor porque temos feito da racionalidade um valor para nossa existência, um valor vinculado a outros valores que são importantes para nós”<sup>7</sup>.

Dentre os novos critérios políticos e sociais que ganharam espaço nas atribuições médicas, destaca-se o conceito de nação. A afirmação nacional — um nacionalismo que vê o mundo dentro de uma interação de várias comunidades, mas principalmente da busca de singularidades, mitos de origens e acontecimentos específicos<sup>8</sup> — tinha no médico um de seus principais porta-vozes — entrelaçada à compreensão do homem e de seu corpo como elementos centrais nesse Brasil que se tentava construir:

[...] a partir da concepção da igualdade essencial dos cidadãos, os corpos e suas situações de normalidade são concebidos, no plano ideológico, como homogêneos para o conjunto da sociedade, ainda que efetivamente não o sejam. Os significados particulares de ambos, portanto, devem ser apresentados como significados socialmente iguais. A importância da manutenção e da recuperação do corpo não é apresentada como particular por referência às classes sociais, mas como geral para o conjunto de sociedade; expressa, assim, não interesses particulares, mas o interesse geral da nação, visto que na dissolução das classes sociais em um conjunto homogêneo de cidadãos iguais — a Nação — os interesses de uma classe são apresentados como os interesses de todos<sup>9</sup>.

Entretanto, na afirmação de nossas particularidades e origens, esse nacionalismo encerrava dúvidas sobre nosso destino, pois não estávamos, por

<sup>7</sup> Jean Starobinski, *Razones del cuerpo*. Madri: Quatro, 1999, p. 162.

<sup>8</sup> Antony D. Smith, O nacionalismo e os historiadores. In: Gopal Balakrishnan (org.), *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 185.

<sup>9</sup> Lilia Blima Schraiber, *Educação médica e capitalismo*. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1989, p. 71.

essa visão, preparados física e racialmente para honrar o lugar que caberia a esse Brasil gigante, mas adormecido por obstáculos entre os quais se contava a formação racial de seu povo<sup>10</sup>.

Partindo dos mitos construtores da imagem do brasileiro, que teria em seu corpo e sua sexualidade pontos determinantes dessa narrativa, abre-se espaço para o que Richard Parker considerou a formação de um povo que seria especialmente sexual, numa terra exótica e que afere sentido simultaneamente ao passado e ao presente, munindo, por esses elementos, uma das auto-interpretações mais poderosas e intrigantes na vida contemporânea brasileira<sup>11</sup>.

Por esse viés, buscava-se na saúde do brasileiro, bem como nas diversas considerações e modificações de seu corpo, a tradução dos impulsos científicos e capitalistas vividos. Como bem lembrou o historiador Nicolau Sevcenko, “a saúde, nesse sentido, imprimia uma conotação de auto-estima, autoconfiança e combatividade, inscrita na coloração irradiante da pele, nos músculos tonificados, na estrutura sólida, nas proporções adequadas, nas formas esbeltas e na insinuação de uma sexualidade desperta e fértil. A saúde enfim era a chave de um corpo moderno”<sup>12</sup>.

### Os segredos médicos para prolongar a vida

Para os estudos médicos das primeiras décadas do século XX e as novas direções a tomar na conformação de um Brasil “racialmente civilizado”, era considerado o espírito jovem, com a alma aberta às experimentações e suas “máquinas maravilhosas”, o grande mote. Esse embate entre o moderno e o arcaico, entre o passado e o futuro, entre a rapidez e a morosidade trazia, como protagonista desse palco de representações nacionais, o médico e sua responsabilidade em erigir uma sociedade saudável e higiênica, a partir do futuro que seria modelado por suas próprias mãos.

<sup>10</sup> André Mota, *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

<sup>11</sup> Richard G. Parker, *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best seller, 1991, p. 24.

<sup>12</sup> Nicolau Sevcenko, *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: *História da vida privada*: República. Da belle époque à era do rádio. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 559.

Em seus discursos incorporaram a eugenia<sup>13</sup> como dispositivo higiênico capaz de individualizar o homem em sua constituição física e moral, com o propósito de recuperar o corpo e a raça, assegurando o aumento da riqueza e do poder nacional. Isso porque as características biológicas desse brasileiro, fruto da miscigenação, apontavam uma decadência que cristalizava, segundo o Dr. Fontenelle, uma personalidade que variaria entre as regiões brasileiras.

Naquelas em que a presença negra infundia traços físicos predominantes, residiria o pessimismo, a pusilanimidade, a preguiça, o egoísmo, a sensibilidade e — por que não dizê-lo — o apagamento de vontade. Contrariamente, em outras regiões, clara alusão ao sul e sudeste, em que o branco teria vergado o sangue índio ou mesmo negro, contrastaria em evidência, a ousadia, o destemor e a confiança no futuro, de que deram tanta prova os antepassados bandeirantes<sup>14</sup>.

Neste contexto, demarcavam-se estratégias na busca de um homem ideal, reconhecido em sua individualidade para ser modificado, pois dizia-se que nem todos tinham as mesmas chances de ascender de seu estado considerado mórbido e degenerado. Tudo dependeria dos cruzamentos raciais que foram se dando em todo o território, hierarquizando a sociedade a partir de seus “traços raciais”. Exemplarmente, em *Evolução do povo brasileiro*, escrito em 1922, Oliveira Vianna pretendia comprovar, a respeito da mistura racial brasileira, que cientificamente “não há raças que sejam absolutamente inferiores; mas qualquer raça, posta em contato com uma outra mais rica em eugenismo, torna-se, por esse mesmo fato, inferior.”<sup>15</sup>

Já os médicos eram igualmente enfáticos sobre o valor da individualidade:

Os homens não são entes irreconhecíveis; são franqueáveis tanto do ponto de vista da constituição e do temperamento, como de vários outros ângulos

<sup>13</sup> Naquele momento, “eugenia” ligava-se à idéia de melhoramento físico, mental e intelectual das gerações futuras. Em 1865, Francis Galton teria mostrado que as qualidades mentais são herdadas, tal como as físicas e as morais. Em 1869, acentuou a necessidade e a possibilidade de melhoramento das qualidades naturais da espécie humana e, em 1883, conseguiu incorporar nas práticas higiênicas o eugenismo, que deveria ser concebido como a higiene da raça. In: J. P. Fontenelle, *Compêndio de hygiene elementar*. Rio de Janeiro, 2. ed., 1925, p. 484.

<sup>14</sup> J.P. Fontenelle, Educação Hygienica. In: *Folha Medica*, v. 12, Rio de Janeiro, 1932, p. 387.

<sup>15</sup> Oliveira Vianna, *Evolução do povo brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956, p. 153.

bioperspectivistas e podem ser discriminados uns dos outros pelas particularidades tipológicas, distribuídos em categorias e em grupos específicos<sup>16</sup>.

Acreditava-se que a moderna biologia e a medicina estavam aptas, depois de diversas investigações, a emitir conselhos profiláticos que visassem a edificar esteticamente o homem da modernidade. A construção da imagem idealizada desse homem perfeito, fruto de seus traços físicos e raciais, se constituiu utilizando como bases anatômicas do corpo a cabeça, a coluna vertebral, o pé, a mão, o dedo médio e o nariz<sup>17</sup>.

Pelas formas físicas e aparência do corpo, os médicos avaliavam as pessoas<sup>18</sup>, suas qualidades intelectuais e morais, bem como seus “defeitos”, como a debilidade mental, o alcoolismo, o crime e doenças, como a sífilis e a tuberculose. Nessa direção, apresentaram-se diversas propostas higiênicas formuladas pelo médico e sua corporação, que iam desde a necessidade de prisão dos criminosos e alcoólatras, o confinamento dos loucos e desregrados e, por fim, a esterilização dos chamados “anormais”<sup>19</sup> como medidas que reafirmassem as concepções, que viam na cultura do físico, de suas transformações estéticas ou genéticas, possibilidades de influir numa nova constituição física, moral e intelectual da população.

A finalidade, segundo afirmavam, de toda essa empreitada era atingir a felicidade nacional, como se ela fosse um segredo biológico a ser descoberto. Para o médico Octavio Domingues,

a vida humana cada vez mais se torna menos empírica, e o domínio da ciência alarga-se, invadindo-a. É que o homem quer cada vez mais deixar de agir às cegas. Acentua-se, cada dia, sua aspiração de viver orientado por normas que beneficiem sua existência, tornando-a menos rude, mais suave, mais feliz<sup>20</sup>.

<sup>16</sup> Renato Kehl, *A interpretação do homem: ensaio de caracteriologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1951, p. 22.

<sup>17</sup> Mariza Romero, *Medicalização da saúde e exclusão social. São Paulo 1889-1930*. Bauru: Edusc, 2002, p. 87.

<sup>18</sup> Acompanhar discussão em Michel Foucault, *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 147.

<sup>19</sup> Mesmo não tendo sido adotada, na prática, a estratégia da esterilização no Brasil, tal idéia foi largamente divulgada e defendida por muitos médicos e educadores nas primeiras décadas do século XX.

<sup>20</sup> Octavio Domingues, *Hereditariedade e eugenia: suas bases theóricas e suas aplicações praticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936, p. 173-175.



E a medicina, sendo o principal dispositivo irradiador das estratégias responsáveis pela obtenção desse homem modelar, buscava produzir “modernamente” aquele que estaria numa posição de ação diante dos dilemas da sociedade vigente. Por isso, completou o Dr. Domingues: verifica-se que ser feliz não é propriamente guardar uma atitude de inércia, de indiferença para o mundo. Deve ser antes um resultado de uma atitude dirigida<sup>21</sup>. Para ter suas características peculiares regeneradas, o brasileiro ideal deveria cultivar sua “saúde” por meio dessas “práticas exemplares”, conquistando o tão sonhado rejuvenescimento, testemunho de sua predisposição à modernidade.

Assim, a palavra *saúde* ganha nova dimensão a ser compreendida, sendo vinculada à idéia de rejuvenescimento e regeneração racial. Em jornais especializados, revistas femininas e diários jornalísticos, explode uma enorme quantidade de propagandas, prometendo “saúde” e “mocidade” em seus potes. Nas revistas médicas, aglutinavam-se remédios e preparados, atrelando a legitimidade da comunidade médica e científica à venda desses produtos. N’A *Folha Médica*, revista carioca especializada nos assuntos da medicina, dizia a indicação do sabonete de Reuter que “faz desaparecer pouco a pouco todas as imperfeições da pele e finalmente converte-a n’uma pele macia e tersa que melhorará notavelmente o aspecto da pessoa”. Havia também o vinho Biogênico, “que dá vida e tem, entre seus atributos restauradores, o poder medicamentoso plástico e lactogênico”<sup>22</sup>.

A cultura física passa a ser tida como uma atividade ligada à higiene do corpo e da raça. Nos discursos dos médicos defensores da eugenia, principalmente os elaborados em São Paulo e no Rio de Janeiro, o século XX era o cenário de uma nova humanidade, que ignorava cada vez mais “o filho de família, essa espécie ridícula que temia o ar livre, repugnava os movimentos bruscos e não viajava sozinho alguns quilômetros.” Insistia-se em que “a todo esse aparelhamento salutar dos esportes modernos, que revolucionaram por completo os hábitos do Brasil patriarcal, desenvolvendo na mocidade o gosto do movimento e o prazer da vida, junta-se contemporaneamente a *eugenia*, ciência que não podia implantar-se aqui há quarenta anos”. Concluía-se que

a robustez deixa, pois, de ser uma graça concedida pelos deuses, para converter-se numa prenda de fácil conquista. Já pelos ginásios e clubes esportivos se

<sup>21</sup> Id., p.174

<sup>22</sup> A *Folha Médica*. Rio de Janeiro, v. 9, 1921, p. 69.

procura reviver a velha Grécia dos jogos olímpicos. O amor pelas formas perfeitas é uma das castas expressões da estética moderna, porque a todos os impulsos de beleza racional preside sempre a voz autorizada e austera do eugenista, que é o sacerdote dessa nova religião, a religião da *saúde* e da *beleza*<sup>23</sup>.

Se a saúde tinha nas atividades físicas um de seus tentáculos eugênicos, a beleza acabou sendo absorvida por esse universo, e a chamada cirurgia plástica corretiva passou a ser veiculada, apoiada na sua necessidade complementar e reabilitadora da higiene do corpo. Para o Dr. Jayme Poggi, chefe do Serviço de Cirurgia Geral do Hospital São João Baptista da Lagoa,

a cirurgia pouco tem se desenvolvido, mercê de limitadíssimo ou quase inexistente número de cirurgiões que a ela se têm dedicado [...] infelizmente, entre nós, ainda é freqüente a confusão existente do que seja essa especialidade e qual a sua finalidade. Cuidam alguns de que nada mais é do que a variante de uma cirurgia de embelezamento<sup>24</sup>.

Segundo o Dr. Poggi, era preciso distinguir entre a cirurgia plástica reparadora e a corretora:

A primeira repara tecidos ou órgãos parcial ou grandemente destruídos por moléstias ou acidentes. A segunda atende ao aspecto desgracioso que apresenta um ou outro órgão, sempre se procurando a harmonia das linhas, de acordo íntimo com a anatomia normal.<sup>25</sup>

A anormalidade corretiva a que se refere o Dr. Poggi não era facilmente identificável, vinculando-se os discursos a uma luta permanente contra o “feio” e, muito particularmente, contra a “velhice”. Afinal, como disse, em 1921, o Dr. Marciano Alves Mauricio, “ninguém, certamente, por gosto se conforma com esse movimento retrógrado para o aniquilamento, para o entorpecimento e para o desaparecimento do indivíduo”<sup>26</sup>.

Muito pelo contrário, todos deveriam almejar a preservação de sua juventude e beleza, dessa fase da vida em que o espírito só comporta “a vontade

<sup>23</sup> Pedro Monteleone, *Os cinco problemas da eugenia brasileira*. Tese (Doutorado) — Faculdade de Medicina de São Paulo, São Paulo, 1929, p. 130.

<sup>24</sup> Jayme Poggi, Um caso de cirurgia plástica da aza direita do nariz. In: *A Folha Médica*, v. 9, n. 35, 1928, p. 413.

<sup>25</sup> Id.

<sup>26</sup> Marciano Alves Mauricio, O rejuvenescimento dos envelhecidos. In: *A Folha Médica*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 7, 01 abr. 1921, p. 69.

de vencer”. Diante dos tempos que se anunciavam e de suas exigências cotidianas, a esperança de todo aquele que “envelhece deveria ser o retorno do seu rejuvenescimento, o restabelecimento da sua mocidade prendada com os prazeres e encantos mil”<sup>27</sup>.

Na obtenção dos resultados desejados, o sujeito deveria atentar às regras higiênicas para o corpo, porta de entrada de todo processo de rejuvenescimento, entre as quais se demarcava especificamente a abstenção do fumo e de bebidas alcoólicas. Também seguiria os preceitos da Igreja Católica que serviam como medidas higiênicas como a abstinência da carne, o jejum e o consumo do peixe em dias santos. A partir dessas práticas, abria-se o campo para os tempos da ambição científica.

Exemplarmente, em 1928, a Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro elogiou a médica francesa, Dra. Noel, por sua conferência sobre a cirurgia estética. Entre seus argumentos, frisou “o quão necessário é, para os que trabalham, um aspecto, uma aparência de juventude e beleza e a forma pela qual a cirurgia estética pode devolver essa aparência e prolongar sua possibilidade”<sup>28</sup>.

Por meio de projeções de imagens, mostrou “a escolha dos lugares de uma intervenção cirúrgica, escolha que varia segundo as fisionomias e para a qual se torna necessária uma absoluta segurança no bom gosto”. Exibiu imagens dos resultados de diversas intervenções na altura dos temporais, na nuca, nas pestanas, no pescoço e no queixo, e apresentou os magníficos resultados obtidos nos mais variados casos.

Para um perfeito êxito na intervenção, expôs a escolha e as formas dos

esquemas de operações na altura de quase todas as partes do corpo — orelhas *recollées*, bocas reformadas, cicatrizes apagadas, diminuição dos braços, *dégraissage*, barriga, busto, nuca — tatuagens apagadas —, operações em pernas e calcanhares. Expôs as diversas maneiras de fazer voltar os seios às suas justas proporções, comparando os métodos, explicando os riscos e resultados de cada um<sup>29</sup>.

Mas, se a cirurgia estética devolveria a aparência externa de uma juventude passada, os médicos e cirurgiões pretendiam ir mais longe. Acredita-

<sup>27</sup> Id., ib.

<sup>28</sup> Cirurgia Esthetica. In: *A Folha Médica*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 25, 1928, p. XII.

<sup>29</sup> Id., ib.

vam que poderiam modificar geneticamente a idade de um indivíduo, restituindo-lhe também as características físicas passadas.

O termo “rejuvenescimento” passou a ser entendido como a

faculdade que tem o organismo envelhecido de retemperar, ganhando de novo os caracteres de mocidade; segundo a nova doutrina, consegue-se esse resultado por meio da reativação das glândulas sexuais de um ou de outro sexo<sup>30</sup>.

Os estudos na década de 1920, que afirmavam a possibilidade de tal façanha, vinham da área da endocrinologia. Segundo a divulgação no Brasil das idéias do cirurgião norte-americano Lydson, o revigoramento da juventude se daria por um processo cirúrgico conhecido por *sem gland implantation*, pelo qual seria possível restituir a juventude de órgãos e tecidos humanos de décadas passadas.

Em sua explanação, as pesquisas demonstravam que

a involução senil não é mais que o entorpecimento ou mau funcionamento das glândulas endócrinas, produzindo no organismo um desequilíbrio ou uma perturbação funcional e consoante intoxicação dos órgãos [...] quando o indivíduo envelhece, suas glândulas começam a funcionar mal, atrofiam-se, e o metabolismo dos órgãos se perturba. Investigações minuciosas pretendem localizar na glândula tireóide o centro oriundo da nossa velhice<sup>31</sup>.

Seguindo os resultados desses estudos, a idéia revolucionária era a aplicação de uma série de injeções do extrato da glândula tireóide que provocariam o revigoramento e, mais pronunciadamente, a função genital amortecida pela idade, que voltaria a apresentar todo o vigor e a espontaneidade de antanho.

Outras pesquisas também tentavam evidenciar essa possibilidade, como as desenvolvidas pelos médicos alemães Drs. Muhsan e Kreuter e, especialmente, pelos Drs. Lichenstern e Druner. Seus resultados foram expostos no Brasil:

[...] eram três homens, um com 44 anos, outro com 66 e um terceiro com 71, apresentando todos os caracteres somáticos e psíquicos próprios da velhice, os

<sup>30</sup> Eduardo Meirelles, Do rejuvenescimento. In: *A Folha Médica*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 11, 01 abr. 1921, p. 82.

<sup>31</sup> Marciano Alves Mauricio, op. cit., p. 70.

quais desapareceram pela ligadura dos canais deferentes; pouco depois deu-se o seu revigoramento físico e psíquico, com o mais completo restabelecimento de suas funções sexuais, então completamente perdidas. Embora não tão frisantes, semelhantes foram os resultados em mulheres entre 45 e 55 anos nas quais irradiaram os ovários; não tardaram a modificar-se suas condições somáticas em favor d'um rejuvenescimento com perda de caracteres de decrepitude que então existiam. As provas pois fornecidas pela experiência e pela observação clínica permitem concluir a possibilidade de rejuvenescimento por meio da excitação do organismo pelos hormônios, ou melhor, pela superatividade das glândulas da puberdade<sup>32</sup>.

Assim, estavam dados os primeiros passos do elixir da longa vida e quiçá da própria eternidade, com o Brasil salvo por uma sociedade, que formaria um exército de homens sãos e íntegros, podendo seguir o caminho da civilização tão esperada!

### Considerações finais

Se, hoje, há novos critérios para a saúde do indivíduo, valorizando a estética dos corpos como elemento determinante da saúde, como aponta Madel Luz, cumpre notar que, no período aqui estudado, as condições necessárias para que esses conceitos ganhassem força têm, em suas raízes históricas, elementos que merecem detida reflexão. A busca da compreensão dos atuais lineamentos da medicina e da saúde coletiva, muitas vezes, remete a posições que a medicina foi historicamente implementando, principalmente a partir das primeiras décadas do século XX.

Mais do que isso, identificam-se estratégias que se valeram dessas correspondências históricas, para efetivar suas máximas quanto ao homem e seu corpo, lembrando que aos grupos empobrecidos e miscigenados da população, os médicos — então à frente de toda uma concepção eugênica e racial da nação — diagnosticavam a esterilização e o confinamento, para impedir que esses “degenerados” obstassem o surgimento de seres superiores e, eternamente, jovens. Como vimos, pediam cuidados urgentes pois a qualquer momento poderia dar-se, sem os cuidados indicados, o crescimento de uma geração de medíocres capaz de impedir que o brasileiro saísse de sua “escuridão hereditária”.

---

<sup>32</sup> Eduardo Meirelles, op. cit., p. 82.

Num contexto como esse, ressaltamos que o projeto de gerar homens superiores parece que ainda não foi abandonado, especialmente no Brasil. Atualmente, é significativo notar a retomada de uma visão que hierarquiza as pessoas e lhes propõe um homem “aparentemente superior”. Essas são peculiaridades bem-brasileiras e que permanecem, como lembrou Sérgio Buarque de Holanda, indicando as “ feições bem-características do nosso aparelhamento político, que se empenha em desarmar todas as expressões menos harmônicas de nossa sociedade, em negar toda a espontaneidade nacional”<sup>33</sup>.

### REFERÊNCIAS

- BLACK, Edwin. *A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior*. São Paulo: A Girafa, 2003.
- CIRURGIA Esthetica. In: *A Folha Médica*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 25, 1928.
- DIWAN, Pietra Stefania. *O espetáculo do feio: práticas discursivas e redes de poder no eugenismo de Renato Kehl. 1917-1937*. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003 (mimeo.).
- DOMINGUES, Octavio. *Hereditariedade e eugenia: suas bases theoricas e suas applicações praticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- FONTENELLE, J. P. *Compêndio de hygiene elementar*. Rio de Janeiro, 2. ed., 1925.
- \_\_\_\_\_. Educação Hygienica. In: *Folha Medica*. Rio de Janeiro, v. 12, 1932, p.387-389.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- GAYON, Jean. Comment le problème de l'eugénisme se pose-t-il aujourd'hui?. In: BERNARDIS, Marie-Agnès (org.). *L'home et la santé*. Paris, 1992, p. 290-295.
- GOULD, Stephen Jay. *Dinossauro no palheiro: reflexões sobre história natural*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- KEHL, Renato. *A interpretação do homem: ensaio de caracteriologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1951.
- LUZ, Madel T. Políticas de descentralização e cidadania: novas práticas de saúde

<sup>33</sup> Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 177.

no Brasil atual. In: PINHEIRO, Roseni; MATTOS, Ruben A. (orgs.). *Os sentidos da integralidade na atenção e no cuidado à saúde*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ/ABRASCO, 2001, pp. 17-37.

MAURICIO, Marciano Alves. O rejuvenescimento dos envelhecidos. In: *A Folha Médica*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 7, 01 abr. 1921.

MEIRELLES, Eduardo. Do Rejuvenescimento. In: *A Folha Médica*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 11, 01/04/1921.

MONTELEONE, Pedro. *Os cinco problemas da eugenia brasileira*. Tese (Doutorado) — Faculdade de Medicina de São Paulo, São Paulo, 1929 (mimeo.).

MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&, 2003.

PARKER, Richard G. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

POGGI, Jayme. Um caso de cirurgia plástica da aza direita do nariz. In: *A Folha Médica*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 35, 1928.

ROMERO, Mariza. *Medicalização da saúde e exclusão social. São Paulo 1889-1930*. Bauru: Edusc. 2002.

SCHRAIBER, Lilia Blima. *Educação médica e capitalismo*. São Paulo: Hucitec/ Abrasco, 1989.

SMITH, Antony D. O nacionalismo e os historiadores. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: *História da vida privada*. República. Da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

STAROBINSKI, Jean. *Razones del cuerpo*. Madri: Quatro, 1999.

VIANNA, Oliveira. *Evolução do povo brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

Endereço do autor:

Av. Gal. Osório, 35

Sorocaba, SP

CEP 18060-000

E-mail: andremot@ig.com.br